

TEATRO-ESCOLA CÉLIA HELENA

**BREVE ANÁLISE DA DRAMATURGIA DE HEINER MÜLLER E DA PEÇA
HAMLET MÁQUINA**

MAYARA RUSKI AUGUSTO SÁ
LUIZA LAVEZZO DE CARVALHO
MARIA CARVALHO DE A. CUNHA

Análise da peça Hamlet Máquina para a disciplina de História das Artes Cênicas

Profº Hugo Villavicencio

1SB

São Paulo

2017

SUMÁRIO

1. Introdução	2
2. Contexto Histórico.....	3
3. O autor: Heiner Müller.....	4
4. A peça: Hamlet Machine.....	5
5. Análise crítica da peça.....	6
6. Conclusão.....	8
7. Referências	9

INTRODUÇÃO

Esta análise da obra Hamlet Máquina de Heiner Müller responde ao processo formativo do curso técnico da Escola Superior de Artes Cênicas Célia Helena na disciplina de História das Artes Cênicas com o professor Hugo Villavicencio. Por meio deste trabalho temos o objetivo de compreender o teatro contemporâneo na perspectiva de um dramaturgo renomeado. Entendendo a obra de Heiner Müller poderemos ver uma das várias perspectivas artísticas que se dão no momento histórico do final do século XX.

Este trabalho analisa as peculiaridades que envolveram os elementos que motivaram o dramaturgo alemão Heiner Müller a escrever a peça Hamlet Máquina, que baseia-se e desconstrói Hamlet de William Shakespeare.

O primeiro capítulo analisará o contexto histórico em que a peça foi redigida, considerando as características da sociedade alemã em que Heiner Müller estava inserido quando escreveu a peça.

Em seguida, o segundo capítulo discorrerá brevemente sobre a biografia do autor e os eventos que possivelmente contribuíram para a escolha do enredo da peça.

O terceiro capítulo apresentará um panorama geral sobre a peça, sua estrutura livre e o enredo de maneira geral.

Por fim, o quarto capítulo analisará criticamente a dramaturgia e as diversas referências contidas no texto.

CONTEXTO HISTÓRICO

O século XIX foi um período marcado por guerras, conquistas e grandes descobertas. Foram anos importantes para as grandes áreas de desenvolvimento da humanidade – conquista e descobertas de territórios, avanços na medicina e na tecnologia, artes e esportes.

A peça *Hamlet-máquina* foi escrita em 1977 na Alemanha. O dramaturgo Heiner Müller não deixa dúvidas sobre a relação da sua obra com o momento histórico em que vivia. Em meio à uma Europa dividida pela tensão da Guerra fria, instaura-se o socialismo na República Democrática Alemã e Müller não apenas vê os acontecimentos catastróficos de um período delicado, mas escreve sobre, na sutileza de um artista crítico. O fato dele ter participado do Partido Socialista Unificado da Alemanha também diz muito sobre as repercussões de suas visões políticas nas peças por ele escritas. No entanto, sua relação com a Alemanha Oriental é questionada a partir da censura de *Die Umsiedlerin* em 1961. Müller é inclusive expulso da Associação de Escritores Alemães e começa a trabalhar em grupos de teatro da Alemanha Ocidental.

Em diversos momentos o dramaturgo dá indícios do que está vivendo enquanto escreve *Hamlet-máquina*. Na primeira cena, álbum de família, o personagem Hamlet diz: “*como uma corcunda vou carregando o meu pesado cérebro, segundo palhaço na primavera comunista*”.

Nesse momento já nos situamos na primavera comunista. Na trama de Hamlet escrita por Shakespeare, isto está longe de acontecer, o que é fedido na Dinamarca não são os comunistas mas a podridão corrupta em relações de poder. Heiner Muller brinca com as distâncias e as proximidades de valores de épocas tão diferentes. Nessa mesma cena Müller menciona que “*(...)entre nós cresce uma parede. Veja o que cresce da parede.*” citando talvez o muro de Berlim, que dividia a Alemanha e os ideais da Europa. Hipoteticamente também na quarta cena quando é mencionada uma revolução pode-se ter a ver com a revolução comunista. Müller fala também da população miserável da metrópole, sobre estar “*protegido por muralhas, arame farpado prisão*”, menciona Marx, Lenin, Mao que dizem simultaneamente na peça “*É preciso transformar todas as relações em que o homem...*”. Todas essas referências não estão no texto sem um propósito maior, elas se referem ao momento histórico em que a peça foi escrita. Com essas citações, Müller deixa claro o seu posicionamento político e o dever da releitura da obra de Shakespeare, mais de 300 anos depois.

O AUTOR

Heiner Müller foi um dos autores mais promissores e proeminentes da República Democrática Alemã.

Ruth Röhl explica a estética adotada pela República Democrática Alemã:

“a norma estética adotada na RDA – o realismo socialista – nasceu em 1932 de um encontro entre Stálin e escritores soviéticos, na casa de Górkí. [...] Pode-se dizer que o programa do realismo socialista implica uma poética normativa motivada por critérios não-estéticos, poética está destinada a auxiliar o partido em sua luta pela concretização de ‘mudanças sociais profundas’ e por uma ‘nova cultura progressista’, como afirma Ulbricht em 1948, donde a valorização do herói positivo e de uma realidade sem conflitos”. [1]

A autora explica que as primeiras peças de Heiner Müller, tal como O Achatador de Salários (1956), A Correção (1957/1958), A Traslada ou A Vida no Campo (1956/1961) e a A Construção (1963/1964), testemunham o momento vivido na República Democrática Alemã, a utopia socialista e a realidade insuficiente, bem como a luta entre necessidade e individualidade e evidenciam a influência de Bertold Brecht na sua produção teatral. [2]

A partir da década de 70, a exemplo de Hamlet Máquina (1977), fica clara a opção do autor por uma nova forma de teatro, que se utiliza de desconstrução mais radical do universo dos textos que informam a cultura ocidental. [3] A maneira com que Müller fez essa desconstrução o coloca na produção teatral pós-moderna.

Por outro lado, a autora explica então que a obra de Müller não se ateu às normas de um realismo socialista sem conflitos e esse foi o motivo de suas peças terem demorado a ter chegado ao público alemão. Além disso, ressalta que as obras de Heiner Müller são permeadas pela intertextualidade, que é assinalada de diferentes formas, tais como em notas de rodapé, através de epígrafe, prefácio ou até em nota posposta à peça. [4]

No que diz respeito à sua vida pessoal, Heiner Müller foi um dos líderes da Associação de Escritores Alemães até se desentender com um dos seus benfeitores com o drama Die Umsiedlerin, que foi censurada depois de uma única apresentação em 1961. Nesse mesmo ano, ele foi expulso da Associação de Escritores Alemães. Após a sua expulsão, o governo manteve a censura sobre o trabalho de Heiner Müller. Ele começou então a trabalhar com teatros da Berlin Ocidental, o que lhe rendeu reconhecimento e o tornou um autor aclamado. O prestígio fez com que Müller fosse reaceito e recuperasse reconhecimento na Alemanha Oriental. Depois da queda do muro de Berlin, Müller tornou-se presidente da Academia de Artes da República Democrática Alemã. Posteriormente, ele foi convidado a assumir a direção do Berliner Ensemble, antiga companhia de teatro de Bertold Brecht.

Heiner Müller trabalhou como diretor e dramaturgo em teatros por toda a Europa. Ele faleceu em Berlim, no dia 30 de dezembro de 1995, pouco antes de completar 67 anos.

[1] RÖHL, Ruth Cerqueira de Oliveira. *O teatro de Heiner Müller: modernidade e pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

[2] *Ibidem*, p. 91.

[3] *Idem*.

[4] *Ibidem*, p. 29.

A PEÇA

A peça se trata de uma releitura da peça *Hamlet*, de William Shakespeare. Heiner Muller se utiliza do material textual, deslocando as questões contidas no texto de 1600 para um cenário contemporâneo esquizofrênico e pessimista que reflete a época vivida pelo autor. Os principais temas são “*a revisão do processo histórico alemão, o questionamento do significado e da prática da revolução, a discussão incisiva sobre a construção do socialismo*” (PEIXOTO, 1987, p. XV).

Hamlet, nessa versão, deixa de ser um príncipe e vira “máquina”, palavra que nos leva a diversos lugares, entre eles a ideia do corpo como máquina de cortes e ao conceito de máquina atrelada à superprodução, do capitalismo assassino e do homem contemporâneo. Relacionamos até com a frase de Andy Warhol “*I want to be a machine*” ou até a música “*Welcome To The Machine*” da banda Pink Floyd, lançada em 1975, dois anos antes da peça ser publicada.

Assim como *Hamlet* de Shakespeare, *Hamlet-Máquina* apresenta se divide em cinco partes e pode-se dizer que seus personagens são basicamente: Hamlet, Ofélia e o ator que interpreta Hamlet. As cinco cenas são compostas basicamente pela reorganização de material textual já existente, seja ele do próprio autor, de Shakespeare ou de diversos outros pré-textos que podemos constatar na obra, construindo uma obra cheia de possíveis interpretações, referências e perspectivas.

A primeira cena, não somente resume toda a história do príncipe, mas também todas as referências presentes no texto, que se tornam evidentes como memória de um Hamlet que se encontra em um cenário catastrófico.

Na segunda cena, apresenta-se Ofélia (que também é Hamlet e pode ser o coro) de modo que representa a mulher que pode ser vítima e vingadora ao mesmo tempo, e “vestida de sangue” retrata a mulher européia aos olhos de Müller.

Já na terceira cena: a pantomima da dança dos mortos e o encontro confrontoso entre Hamlet e Ofélia que faz Hamlet dizer que quer ser mulher.

A cena quatro traz a crise existencial central de Hamlet transferida para a crise do intelectual e artista inserido na história. O texto se inicia com: “*não sou mais Hamlet. Não represento mais nenhum papel. [...] Meu drama não se realiza mais*” (ibid, p. 28). É uma chuva de referências do histórico do autor que mistura o Levantar de Budapeste em 1956, seus ideais comunistas, com revolta anti-stalinista, resultando na rubrica: “*Entra na armadura, racha com a machadinha as cabeças de Marx, Lenin, Mao...*”.

Ao fim do seu monólogo, veste a armadura do pai de Hamlet e destrói a vanglorização de Marx, Lênin e Mao. Se Hamlet resolve sua crise pela ação violenta direta, Ofélia questiona o futuro, isolada, descrente. Em seu discurso, permanece em aberto uma ameaça da revolução. O texto acaba então denunciando um fracasso duplo: a do homem pensador marxista, que se envolveu politicamente, e a da mulher-símbolo da revolução de gênero, que acaba encurralada em uma contradição ética propriamente feminina.

Poderíamos então concluir que há, em *Hamlet-máquina*, um pessimismo ou uma descrença nas tentativas de transformação social. Essa voz de Electra, que ecoa da boca de Ofélia, ressoa como a voz de Heiner Müller para aconselhar o homem contemporâneo completamente destituído de noção histórica. Um esquecimento histórico que Müller chama de “antirrevolucionário”.

ANÁLISE CRÍTICA

A dramaturgia de *Hamlet Máquina* reflete as tensões e as tragédias da Alemanha em que viveu Heiner Müller.

Especificamente, trata das crises da Alemanha Oriental, que tentava se libertar da ditadura da Alemanha Ocidental. O texto trata de revolução e analisa com pessimismo o seu fracasso, mencionando inclusive as revoluções húngara e polonesa.

O texto contém pouquíssima orientação de direção ou interpretação. Isso é muito interessante e evidencia a intenção de Müller de conferir liberdade para a montagem da peça. *Hamlet-máquina* parte da proposta dramaturgical de Hamlet, mas distancia-se rapidamente do trabalho de William Shakespeare. O texto de Heiner Müller possui uma estrutura bem peculiar. É dividida em cinco partes, tal como nas peças de Shakespeare, e consiste basicamente em monólogos dos personagens ou de alter egos do mesmo personagem, como Hamlet e o ator que interpreta Hamlet.

Os cinco monólogos tratam de conflitos internos com ironia e sarcasmo. Além disso, Müller utiliza intertextualidade em todos os monólogos. Ele junta elementos de outros textos numa composição inédita, oras com ora sem a indicação da fonte. O texto faz referências a passagens da Bíblia, momentos históricos e a diversos autores/artistas. Dentre eles, é possível identificar referência aos trabalhos de T. S. Elliot, E. E. Cummings, Friedrich Holderlin, Karl Marx, Walter Benjamin, Antonin Artaud, Jean-Paul Sartre, Andy Warhol, William Shakespeare e até ao próprio Heiner Müller.

O texto não possui um estilo específico, mas possui identidade, que é definida pelas citações, paráfrases ou menção a outros autores, personagens ou momentos históricos. É através do sarcasmo que o texto altera a natureza dos personagens originalmente concebidos por William Shakespeare.

Heiner Müller transformou os personagens de William Shakespeare em algo novo e inusitado. Por exemplo, a Ofélia de Heiner Müller é diferente da de Shakespeare. A Ofélia de *Hamlet machine* referência Sylvia Plath (que se suicidou inalando gás do forno) e talvez a própria esposa de Heiner Müller (que cometeu suicídio). Do mesmo modo, há um monólogo de Hamlet que parte do personagem criado por Shakespeare e há também o monólogo do ator que interpreta Hamlet. Isso evidencia a proposta de releitura e desconstrução da peça de Shakespeare. O texto é extremamente poderoso e comovente, parece mais um roteiro para uma performance do que uma peça propriamente dita.

CONCLUSÃO

A obra *Hamlet-máquina* de Heiner Müller apropria-se da obra *Hamlet* de William Shakespeare para criar um texto autêntico, marcante e poderoso. Contando com referências e traços de influências vivenciadas pelo dramaturgo alemão, percebemos que *Hamlet-máquina*, apesar de misteriosa, marca a complexidade da contemporaneidade. Assim, ela serve como apontamento do pessimismo e da descrença o século XX traz com guerras e mortes, mas ao mesmo tempo um fio esperançoso revolucionário.

A figura de Hamlet, agora, representa um homem solitário, esquizofrênico, com raiva e medo. Tudo o que Hamlet era em 1600 na criação de Shakespeare, deixa de ser com Heiner Müller. Aparece então a complexidade do homem resumida, apagada, até bastar a máquina. O “ser ou não ser” se perde e emerge o “ser e não ser”: ser máquina, ser homem, se indiferente, ao mesmo tempo carregar as dores do fim do mundo. É este homem que recebe lugar na obra de Müller, o homem que o autor via ou até possivelmente, que o autor era, vivendo em uma Alemanha dividida e sentindo na pele as contradições do ser humano.

REFERÊNCIAS

- KALB, Jonathan. *The theater of Heiner Muller*. Estados Unidos: Limelight Editions, 2001.
- MÜLLER, Heiner. *Quatro textos para teatro*. São Paulo: Hucitec, 1987
- RÖHL, Ruth Cerqueira de Oliveira. *O teatro de Heiner Müller: modernidade e pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ROMANSKA, Magda. *Opheliemachine: Gender, ethics and representation in Heiner Muller's Hamletmachine*. In: FRIEDMAN, Dan. *The Cultural Politics of Heiner Muller*. Reino Unido: Cambridge, 2007.
- WEBER, Carl. *From determination to detachment – Heiner Muller's Assessment of Culture and Politics in a lifetime of profound historical change*. In: FRIEDMAN, Dan. *The Cultural Politics of Heiner Muller*. Reino Unido: Cambridge, 2007.